



時折

Tokiori _ *Dobras do tempo*

argumento original do filme documentário . direção: paulo pastorelo
produção executiva: matias mariani . produção: primo filmes

Tokiori, em japonês *Toki* > tempo e *Ori* (de *Oru*) > dobrar, é um filme documentário longa-metragem para exibição em circuito comercial de cinema que conta a vida e o vivido de algumas famílias de imigrantes japoneses do bairro rural da Graminha, situado no oeste do estado de São Paulo a 40km da cidade de Marília. Sua narrativa se organiza em torno das memórias de membros dessas famílias, no Brasil e no Japão, e percorre os sulcos do tempo nos quais se inscrevem suas alegrias e tristezas, festas e cerimônias, seus casamentos e enterros, encontros e desencontros.





Domingo, 24 de setembro de 1967

Após reunirem as pessoas da colônia e alguns convidados, demos início à festa das pessoas que formaram, há 30 anos atrás, uma colônia japonesa neste bairro. Assim sendo, cada qual recebeu seus diplomas e medalhas para uma recordação eterna deste bairro que cada ano vem progredindo. De modo que, após a abertura, entrega dos diplomas e medalhas, tivemos em seguida o churrasco, bebidas, sukiyaki, etc. Os jovens demonstraram seus bailados odoris e os demais cantaram.

[trecho extraído do caderno de atas da Associação Cultural e Esportiva da Graminha – *Danjo-seinenkaï*]

I. APRESENTAÇÃO

Nos anos trinta, as famílias Yanai, Funo, Sato, Suguita, Okubo, Yoshimi, entre outras, fincaram suas raízes brasileiras no bairro rural da Graminha. Ali, formaram laços de parentesco e criaram, em 1937, as Associações de Jovens e Adultos, responsáveis pelas atividades educativas, culturais e esportivas da comunidade. Hoje, mais de 50 membros dessas famílias moram no Japão como deka-seguis, a maioria há mais de dez anos. Na Graminha, restaram os mais velhos e os herdeiros das terras.

Tokiori - Dobras do tempo não é um filme histórico, embora mergulhe nas histórias de vida dessas famílias. Ele provoca um deslocamento das personagens desta posição de testemunhas históricas, pois o que nos interessa não é utilizar suas vidas como “casos típicos” da *História da Imigração Japonesa no Brasil*, mas mostrar suas singularidades, seus sonhos e esperanças, sua densidade trazida por um tempo vivido.

Embora não tenha sido imaginado como filme comemorativo do *Centenário da Imigração Japonesa no Brasil*, este documentário se aproveita desse ambiente festivo para abordar os entrelaçamentos entre história e memória, exercício central do filme. Não nos interessa a história da imigração em si, mas a maneira como ela foi, e ainda é, vivida por essas famílias. A partir de um trabalho profundo sobre suas memórias, *Tokiori* propõe (re)escrever uma outra história.

Tokiori é o segundo longa-metragem de Paulo Pastorelo, que já dirigiu em parceria com João Sodré e Maíra Santi Bühler o premiado documentário *Elevado 3.5 (75')*, prêmios do júri de melhor filme “CPFL Energia / Janela para o contemporâneo”, no valor de 100 mil reais, e “Révélacion Ambassade de France” no **Festival É Tudo Verdade**, edição 2007, maior e mais respeitado festival de cinema documentário da América Latina. *Tokiori* será produzido pela Primo Filmes e terá locações no Brasil e no Japão. Aprovado pela Lei do Audiovisual, o início das filmagens está programado para julho de 2009. O lançamento será em 2010.





III. O COTIDIANO DA GRAMINHA VISTO PELO CADERNO DO DANJO-SEINENKAI

Em 1937, foi fundada a Associação da Colônia Japonesa de Buenos Aires – *Nihonjinkai* – e a família Yanai doou uma pequena parcela de suas terras para a construção do *Kaikan* (sede da associação). Junto, foi também criada a Associação dos Moços de Buenos Aires – *Seinenkai* –, que reunia os homens solteiros com mais de 15 anos. Com o crescimento da comunidade, a associação incluiu também as mulheres e no seu novo registro, já inscrito no município de Oscar Bressane, passou a chamar-se Associação Cultural e Esportiva da Graminha – *Danjo-seinenkai*. Era em torno dessas associações que girava a vida social, cultural e esportiva da comunidade japonesa. Por seus cadernos de atas, que registravam reuniões e atividades como um diário, podemos penetrar no cotidiano social da Graminha. Nesses documentos encontramos escritos sobre as festas de casamentos e despedidas de solteiro, sobre os aniversários e mortes de membros das famílias. Também estão registrados as ginças do *Undokai*, “brincadeiras dançantes” (bailes), sessões do Cine Graminha, palestras e cursos ministrados por agrônomos, homenagens prestadas à membros da comunidade, parte da vida religiosa em torno da igreja católica e da *Seichô-no-iê*, além de todas as atividades esportivas de atletismo, tênis de mesa e baseball.

Domingo, 1º de janeiro de 1967

Feliz Ano Novo! De manhã, os sócios reunindo no kaikan, deixamos tudo em ordem. Em seguida, após reunirem todos as pessoas da colônia japonesa do bairro, inclusive algumas que não puderam comparecer, tivemos a abertura e iniciamos a festa. Alguns devido a fortes “dozes” (sic) de champanhe ficaram deitados, os jovens e crianças demonstraram seus bailados odoris, os demais tiveram que cantar. Assim ficamos o dia todo comendo, cantando, brincando etc. À noite, promovemos uma brincadeira dançante, onde estiveram presentes as pessoas do Hakamada-san, Okimura-san e Nakamura-san que também dançaram. Mas, mais ou menos às 2h da madrugada, devido à falta de “luz elétrica” colocamos um ponto final às brincadeiras. No entanto, foi um Ano Novo muito feliz.

[trecho extraído do caderno de atas do *Danjo-seinenkai*]



27 de julho de 1973

Hoje, com início às 20:30h foi exibido dois sensacionais filmes: “Alvo humano”, com Go Wakabayashi, Tsutomu Yamazaki e outras, e “Dragão ascendente”, com Takakura Ken, Tsuruta Koji, Fuji Junko e outros. Às 24h, foi encerrado o filme. Obs: como o senhor Kuramoto-san desistiu de passar os filmes, resolvemos doravante contratar o senhor Utida-san de Garça.

4 de julho de 1991

Hoje novamente mais 4 dos sócios da Associação foram ao Japão: Shin-Iti Funo, Yokishigue Funo, Kazuyoshi Yoshimi e Massaki Yoshimi.

[trechos extraídos do caderno de atas do *Danjo-seinenkaï*]



Domingo, 18 de agosto de 1968

Hoje, os rapazes dos sócios tiveram o serviço de rastelar o mato e outros foram tombar a terra. Terminamos cedo para festejar a ida do Sr. Yoshimi e a esposa para o Japão. A festa deu-se a início às 13:15h. [...] Divertimos bastante com todos os amigos para homenagear o Sr. Yoshimi e a esposa. Terminando esta festa, as moças lavaram os copos e os rapazes foram juntar as garrafas.

[trecho extraído do caderno de atas do *Danjo-seinenkaï*]

IV. AS FAMILIAS

Yoshimi

Chegada em Santos: 25/8/1932

Navio: *Buenos Aires Maru*

Kenichi Yoshimi nasceu em 1913 na província de Aiti-ken e veio para o Brasil em 1932, deixando para trás os pais e duas irmãs. Ele acompanhava a família de um tio professor, Heibe Yoshimi, que havia comprado um lote de terras de um corretor no Japão. Na época, dizia-se que no Brasil “se juntava dinheiro com rastelo”. Após desembarcarem no porto de Santos, Heibe foi procurar informações sobre essa propriedade e descobriu que havia sido enganado. Sem dinheiro para retornar ao Japão e humilhado pela situação, foi trabalhar, com a família e Kenichi, em uma fazenda de café no oeste paulista. Tão logo juntou o dinheiro necessário, retornou ao Japão, deixando de “rastelar dinheiro para os outros”. Kenichi Yoshimi e seu primo, Keiti, resolveram ficar. Juntando o pouco que tinham conseguido ganhar naqueles anos, compraram uma pequena propriedade rural no bairro de Buenos Aires, dando início à ocupação japonesa na Graminha. Em 1968, após 36 anos no Brasil, Kenichi conseguiu retornar ao Japão como “turista” acompanhado de sua esposa, Tsuyako (Sato) Yoshimi. No ano seguinte, faleceu em um acidente na frente de sua casa na Graminha.



Terça-feira, 13 de junho de 1967

A última hora do Sr. Moiti Sato, às 22:20h. Isto aconteceu de repente, parece-nos uma mentira, pois não houve motivo de sofrimento e de repente ele se foi para sempre.

[trecho extraído do caderno de atas do *Danjo-seinenkai*]

Sato

Chegada em Santos: 19/3/1929

Navio: *Bingo Maru*

Tsuyako (Sato) Yoshimi era a segunda filha de Moiti e Matsuyo Sato, agricultores da província de Okayama. Em 1929, aos dez anos, emigrou com seus pais para o Brasil, onde a família embarcou na linha de ferro Mogiana rumo ao município de Sertãozinho. Passados os dois anos de contrato na fazenda que financiou a viagem, mudaram-se para a propriedade de Koichi Naito, no município de Echaporã, entre Marília e Oscar Bressane. Arrendaram uma gleba de “mata bruta” por cinco anos, prazo para desmatar, queimar, destocar e preparar a terra para o plantio de café. Também era este o prazo que possuíam para cultivar a própria lavoura. Segundo o relato de Yoshie, irmã de Tsuyako, a família mudou-se do arrendamento para a Graminha em 1936. Hoje, Yoshie mora com seu filho Issamu Yanai, nascido em 1941, sua nora, Mari Yanai, e neta, Mayumi Yanai, que retornaram do Japão no final de 2007 após cinco anos como dekasseguis. Assim como Yoshie, viúva de Shigueru Yanai, os outros filhos do casal Sato casaram-se com membros de outras famílias da Graminha – Yoshimi, Okubo e Funo – estabelecendo os primeiros laços de parentesco da comunidade.



13 de setembro de 1975

Hoje foi realizado o Hoodi do 7º ano do falecimento do Sr. Katsuma Yanai. Contou com a presença de cada representante das famílias da comunidade e dos demais parentes do falecido.

[trecho extraído do caderno de atas do *Danjo-seinenkai*]

Yanai

Chegada em Santos: 3/10/1927

Navio: *Montevideu Maru*

Katsuma Yanai e sua esposa, Hatsuyo, tinham três filhos quando emigraram em 1928. Seu irmão, Sakari Yanai, era casado com Katsuo, que viajou grávida de seu filho único, Teruhide Yanai. Lavradores da província de Fukushima, quando aportaram no Brasil, foram embarcados na linha de trem Paulista em direção a Araraquara. Nesta fazenda de café em que trabalharam como colonos, Sakari faleceu de tuberculose. Já na condição de arrendatários, mudaram-se para uma propriedade no município de Pompéia e de lá seguiram descendo o vale do rio do Peixe rumo à Graminha, onde compraram suas terras por volta de 1936. Foi então que Katsuo casou-se novamente com Shutaro Nagakubo, um pequeno arrendatário de parte da fazenda dos Yanai. Em 1953, Katsuma fez uma viagem ao Japão que durou um ano. Acompanhado da sua esposa, ele foi o primeiro issei da comunidade que retornou ao país natal. Seu filho primogênito, Shigueru, nascido no Japão, só conseguiu realizar esta viagem em 1981, junto de sua esposa Yoshie (Sato) Yanai.



Okubo

Chegada em Santos: 16/9/1928 e 8/2/1932

Navio: *Manila Maru / La Plata Maru*

Chozaburo e Koto Okubo possuíam um pomar de pêra e cultivavam arroz na província de Ibaraki. Em 1928, o filho mais velho do casal, Choichi Okubo, nascido em 1908, emigrou para o Brasil como chefe da família junto de sua esposa, Yuriko, e seus irmãos Massao e Shizuo Okubo. Terminado o contrato com a fazenda de café em que trabalhava, tornou-se arrendatário de parte das terras de Koichi Naito, em Echaporã, local em que conheceu a família Sato. Em 1931, nasceu seu primeiro filho, e precisando de ajuda para ampliar a área do arrendamento, decidiu chamar seus pais, que logo migraram com o restante da família, atracando no porto de Santos em 8 de fevereiro de 1932. Quando findou o contrato desse arrendamento, a família Okubo conseguiu comprar seu próprio sítio na Graminha, para onde se mudou junto com a família Sato, de quem era amiga. Pouco tempo depois, tornaram-se parentes por meio dos casamentos de Massao Okubo com Mitsue Sato e Saburo Okubo com Haruko Sato. Quem conta a trajetória da família é Takeo Okubo, um velho ferreiro de Oscar Bressane que nasceu no Japão quando seu irmão, Choichi, navegava para chegar no Brasil.

28 de agosto de 1976

Ocorreu ontem o falecimento do Sr. Yoshitoki Suguita, um dos moradores mais velhos do nosso bairro, o qual sentimos muito e hoje às 16:30h foi sepultado no cemitério de Oscar Bressane.

[trecho extraído do caderno de atas do *Danjo-seinenkaï*]



Suguita

Chegada em Santos: 16/1/1928

Navio: *Wakasa Maru*

Katsujiro Suguita, viúvo, pai de quatro filhos (duas mulheres e dois homens), lavrador da província de Hokkaido e condecorado militar da guerra contra a Rússia, decidiu migrar com os filhos para o Brasil em 1928. Akira Suguita, neto de Katsujiro, conta que seu pai, Yoshitoki Suguita, teve que arranjar uma esposa às vésperas do embarque para poder viajar, conforme a lei de imigração brasileira que exigia que ao menos um membro da família fosse casado. Mas tão logo aportaram no porto de Santos, o casal separou-se, e cada qual seguiu seu caminho. Yoshitoki foi com sua família para uma fazenda na região de Monte Alto, na linha Paulista de trem. Depois seguiram para a Fazenda Maria Lúcia, próxima à recém inaugurada estação de trem de Marília (30/12/1928), até se tornarem arrendatários na Fazenda Flor Roxa, na serra do vale do rio do Peixe. Em 1935, conseguiram comprar um primeiro sítio na Mumbuca, bairro rural vizinho à Buenos Aires, onde Yoshitoki casou-se com Tiyo (Ida) Suguita. Mas logo que o lote de terras da Fazenda Fortuna dos Figueiredos foi posto à venda, eles seguiram o movimento das demais famílias japonesas e compraram seu sítio na Graminha.



Funo

Chegada em Santos: 22/2/1934

Navio: *Manila Maru*

Tosaku Funo tinha começado a trabalhar no correio de Okayama-ken quando resolveu migrar para o Brasil com a família. Antes deste serviço na cidade, ele era lavrador em Shimogata. Decidiu acompanhar seu irmão, Hajime Funo, cuja esposa tinha parentes que trabalhavam na Fazenda Gavião, para onde foram encaminhados ao desembarcarem. Aos 33 anos, apenas quatro após sua chegada, Tosaku faleceu de tuberculose. Tikashi Funo, seu filho mais velho, na época com 13 anos, passou a comprar banana para revender nas fazendas vizinhas a fim de sustentar a família. De colonos, tornaram-se arrendatários da Fazenda São José, no município de Oriente, com um contrato de expansão do cafezal que durou cinco anos. Foi nesse tempo que seu tio, Hajime, casou sua filha, Kimie Funo, com Shiguekatsu Sato (o primogênito da família). Porém, adoecido de tuberculose, Shiguekatsu não podia se dedicar muito à lavoura e Tikashi vinha com frequência ajudá-lo no sítio. Durante essas viagens, ele conheceu sua esposa, Kimie Sato, irmã caçula de Shiguekatsu. Mas foi só depois do seu casamento, em 1942, que ele se mudou para Graminha e, mais tarde, trouxe sua mãe e irmãos.

22 de janeiro de 1993

Prezados Shigueru Yanai e Yoshie,

Escrevo como uma carta-diário. Parabéns pelo aniversário do Keiti, filho do Sadao, recomendações ao Sadao e à Lucília. Recebi uma carta sua 18 de janeiro à noite. Em 31 de dezembro, nós fomos em quatro à Toba Mie-ken. Encontrei um Brasil-maru quase igual ao verdadeiro, que tinha um shopping e restaurante. Senti saudades quando encontrei a Pinga 51, que custava 1800 yens. Era cara demais para beber. Na praia, vimos cinco moças entrarem no mar, na água gelada, para pegar as pérolas. Às 18:30h, quando voltamos a Osaka, encontramos o moti do Ano Novo enviado pelo tio Teruo que mora em Yoshiwara.

Recebemos de Mário, de São Paulo, carne seca e farinha de mandioca. Terminamos o ano com o moti e farofa. À noite, bem tarde, veio Yukishigue sozinho. Nós cinco, abrimos o ano novo comendo o moti e feijoada em lata com a farofa de ontem, com muita alegria. Não saímos de casa no 1º dia do ano. [...] Vou parar o meu diário. Lembrança a todos, e estejam bem de saúde. Até logo,

Tikashi Funo e Kimie Funo

[trecho extraído de carta escrita pelo issei Tikashi Funo durante sua única viagem de volta ao Japão]





Sábado, 27 de agosto de 1966

Hoje novamente alguns treinaram tênis de mesa.

*Porém, os demais foram a um baile na fazenda do senhor **João Dominguez**, conhecido por **Pepe**.*

*[trecho extraído do caderno de atas do *Danjo-seinenkai*]*

V. POR QUE TOKIORI? SOBRE O LUGAR DE ONDE EU OLHO

Meu avô, João Manuel Dominguez Perez, o “Pepe”, emigrou da Galícia na Espanha em 1932. Após um período de trabalho nos Estados Unidos, ingressou no Brasil para se juntar a seu pai, irmãos e irmãs que possuíam uma empresa de importação na cidade de Santos e um armazém de secos e molhados em Marília – o armazém Rádio. No começo da década de cinqüenta, após deixar os negócios da família, comprou uma fazenda no bairro da Graminha. Foi lá que ele deu início à produção de leite e à criação de gado nelore, atividades que perduraram toda a sua vida.

Foi na fazenda Bela Vista que passei todas as férias escolares da minha infância e juventude. O ex-administrador da fazenda, Manuel Gomes e sua esposa, dona Jandira, que lá trabalharam por mais de 30 anos, cuidavam de mim e meus irmãos, levando-nos para passear em Oscar Bressane durante as festas e quermesses. Seus filhos, Carmem e Fábio, nascidos na fazenda, cresceram junto conosco e por intermédio deles conhecíamos as pessoas da cidade e da Graminha. Sempre fomos tratados como “os netos do seu Pepe”. Desde o momento em que as imagens da minha memória se tornam mais nítidas, me lembro de histórias daqueles que deixavam suas famílias para trabalhar no Japão como deklassguis e acompanhava o esvaziamento da Graminha.

É desta posição de estrangeiro, um *gaijin*, mas também como alguém que compartilha certa memória coletiva daquele lugar, que eu olho para a Graminha para realizar este filme. O cinema documentário, como um cinema do encontro, possibilita conhecer essas famílias e suas trajetórias, escutar suas memórias e sonhos, e refazer, com elas, um novo tecido social e afetivo da comunidade.



No verso da foto está escrito: “Lembrança da audiência com o governador Laudo Natel no Palácio Bandeirantes concedida à Câmara Municipal de Oscar Bressane em 10 de dezembro de 1974”. No primeiro destaque está meu avô, João Manoel Dominguez Perez, de óculos no centro. No segundo, o vice-prefeito de Oscar Bressane, Yukuhiko Yoshimi, ao lado do governador Laudo Natel. E no destaque à direita, o vereador de Oscar Bressane, Akira Suguita.



VI. TRATAMENTO – LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA

Uma mão rugosa ocupa a tela do cinema na escuridão do amanhecer. Ela pendura pedaços de papel em um varal. Aos poucos, quando percebemos serem fotografias, a câmera começa a se afastar lentamente, percorrendo a extensão de uma das cordas desse varal. À medida em que ela se afasta e sobe, o quadro se abre até a câmera parar em plano geral, já na primeira luz da manhã. Vemos três pessoas de sacolas no ombro posicionadas em diferentes lugares do varal que ocupa o campo em frente ao *Kaikan*. Com esse longo plano seqüência, começa o filme *Tokiori - Dobras do tempo*.

A trama narrativa de *Tokiori* será tecida a partir das entrevistas, arquivos pessoais de fotos e correspondências, registros da Associação, além de outros materiais de arquivo como filmes de ficção e cine-jornal, emissões de rádio e televisão, artigos da imprensa, etc. Todo esse material será organizado por uma montagem que segue o princípio de que o tempo presente é o momento de elaboração do discurso das memórias e da história, ou seja, ele é o tempo de se lembrar, de sonhar e de analisar. É sobre a perspectiva do presente que as temporalidades se cruzam, que a história e a memória se interrogam.

A realização do filme encarna este momento de elaboração do discurso, que será representado pelas imagens do cotidiano das personagens. Desta forma, *Tokiori* não aborda a trajetória geral de cada família, mas se aprofunda em alguns membros no Brasil (5 ou 6) e no Japão (3 ou 4), entre isseis, nisseis e sanseis (1ª, 2ª e 3ª gerações de imigrantes respectivamente). Esse tempo presente da vida no seu cotidiano será registrado por uma câmera sensível à observação dos gestos, dos olhares, da paisagem, do interior das casas e seus objetos. As personagens serão acompanhadas do amanhecer ao anoitecer, no Brasil e no Japão. Será também retomado o roteiro de viagem dos isseis Katsuma Yanai, Kenichi Yoshimi, Shigueru Yanai e Tikashi Funo que, em diferentes décadas, conseguiram rever a terra natal como “turistas”.

As seqüências filmadas na Graminha serão registradas em película 16mm seguindo um roteiro elaborado a partir de pesquisa prévia na qual será aprofundado as histórias das personagens e elencado os materiais de arquivo. Este roteiro, busca criar uma sensação do tempo local, da passagem dos dias ao longo deste trabalho sobre as memórias. No Japão, as gravações em HD (High-definition), com equipe reduzida, seguem uma linguagem próxima do cinema direto – com câmera na mão e som em sincronia com a imagem.

A esta *mise-en-scène* do cotidiano das personagens, justapõem-se as situações provocadas pela montagem de uma exposição-evento. Trata-se de uma exposição com o material pesquisado para o filme que propõe ao público da região um passeio pela Graminha. Seu percurso passará pelo *Kaikan*, o campo esportivo que abriga o varal de fotos do início do filme, as casas novas e antigas, a estrada de terra, as plantações e pomares e pela escola desativada. Em cada lugar, serão montados elementos expositivos pontuais – instalações, paisagens sonoras e vídeo-projeções – inseridos cuidadosamente para articular o material textual e audiovisual da pesquisa à paisagem local. Com a breve duração de um final de semana, esse evento abrigará no *Kaikan* uma mostra de filmes que marcaram o Cine Graminha.

A exposição integra o período de filmagens no Brasil, previstas para julho/agosto de 2009, e no Japão, previstas para setembro/outubro do mesmo ano, e provoca um encontro das famílias com a sua história e com o público. Ao longo de três semanas, as filmagens centradas na narrativa das personagens escolhidas terminarão com o registro do final de semana desse evento. No Japão, a exposição incorporará essas imagens de sua passagem pela Graminha e será levada ao antigo Centro de Migração em Kobe (e/ou ao Museu da Migração Japonesa ao Exterior em Yokohama), provocando o encontro dos membros de kasseguis dessas famílias com o público japonês. Depois, a exposição se separa do filme, incorpora essa passagem pelo Japão no seu acervo e segue um itinerário independente.



VII. DIRETOR

Paulo Dominguez Pastorelo é arquiteto e urbanista formado pela FAU/USP. Foi diretor, fotógrafo e pesquisador do documentário *Vale o homem seus pertences* (52'), realizado em co-produção com a STV - Rede SescSenac de Televisão em 2005. Esse vídeo foi um desdobramento de sua pesquisa de Iniciação Científica como bolsista da FAPESP, entre 2000-2002, intitulada: *A cultura material do Vale do Jequitinhonha: um estudo de projeto espontâneo de produto*. Participou dos cursos “A Experiência de Documentar”, ministrado pelo documentarista Eduardo Coutinho, “Fotografia básica para Cinema”, coordenado pelo fotógrafo Waldemar Lima e “Laboratório Avançado de Fotografia Preto e Branco”, oferecido pela fotógrafa e laboratorista Elizabete Savioli. Dirigiu e produziu, em parceria com João Sodré, o vídeo educativo *Desenhos do Mundo e Descobrimentos Imaginados* (14') para exposição de cartografias de São Paulo no Museu Paulista (jan. 2005). Em 2006 foi pesquisador e diretor, em parceria com João Sodré e Maíra Bühler, do premiado longa-metragem documentário *Elevado 3.5*, projeto selecionado pelo programa DOC-TV III do Ministério da Cultura e Rede Brasil de Televisão Pública. Além dos prêmios do júri de melhor filme “CPFL Energia / Janela para o contemporâneo”, no valor de 100 mil reais, e “Révélation Ambassade de France” no maior e mais respeitado festival de cinema documentário da América Latina **É Tudo Verdade**, edição 2007, *Elevado 3.5* foi selecionado em diversos outros festivais nacionais e internacionais. Foi também 1º assistente de direção do cineasta Rodolfo Nanni no longa-metragem documentário *O Retorno*, premiado no **12º CINEPE - Festival do Audiovisual** (Recife) em 2008. Atualmente cursa mestrado em cinema na Universidade Sorbonne-Nouvelle Paris III.

VIII. PRIMO FILMES

Com Joana Mariani, Matias Mariani e Marcelo Monteiro à frente, a Primo Filmes já assinou a produção de longas-metragens de sucesso como *O cheiro do ralo* e *Fabricando Tom Zé*.

Matias, que é formado em cinema pela Universidade de Nova York e também cursou a Academia de Cinema de Praga, na República Tcheca, especializou-se em produção executiva. Joana Mariani trabalhou como redatora em grandes agências de publicidade e como assistente de direção em diversos comerciais e longas-metragens. Marcelo Monteiro trouxe para a produtora a experiência de 7 anos como diretor de transmissão da TV do portal de internet Terra.

Entre outros títulos que a Primo Filmes produziu estão o curta *O não de São Paulo*, dirigido pelo próprio Matias Mariani; *Cotidiano* de Joana; *Sonhos de peixe*, que tem direção do russo Kirill Mikhanovsky e participou do **Festival de Cannes** em 2006. Além de *Tokiori – Dobras do tempo*, atualmente, a Primo trabalha no lançamento do premiado documentário *Elevado 3.5*, de Paulo Pastorelo, João Sodré e Maíra Bühler, e na produção dos longas de ficção *Rio Sex Comedy*, de Jonathan Nossiter (*Mondo Vino*), em parceria com a Tambellini Filmes; *Hoje*, dirigido por Tata Amaral (*Antônia*) e co-produzido com a Tangerina Filmes; *Una Mujer, un arma*, quarto longa de Heitor Dhalia (*O Cheiro do Ralo*) a ser filmado no primeiro semestre de 2009, e *A montanha*, parceria com a Três Mundos Produções a ser dirigida por Vicente Ferraz (*Soy Cuba, o Mamute Siberiano*) em 2009/2010.



CONTATOS

Matias Bracher Mariani

+ 55 11 36421014

matias@primofilmes.net

Paulo Dominguez Pastorelo

+ 55 11 98354584

paulo.pastorelo@gmail.com